



## **Ensino de vocabulário através do modelo interacional: uma proposta de ampliação do léxico de alunos de 4ª Série**

*Jan Edson Rodrigues Leite*

UFPB

Muitas pesquisas científicas têm apontado as deficiências do ensino no Brasil no tocante a preparação dos estudantes para o convívio, cada dia mais freqüente, com um mundo de informações e tecnologia que exige conhecimentos cada vez mais específicos e, paradoxalmente, cada vez mais globais, ou seja, o domínio de conteúdos de diversas áreas de conhecimento levará o aluno a um aprendizado de mais sucesso e, conseqüentemente, lhe dará mais oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A língua entra nessa história como uma poderosa ferramenta de trabalho pois, além de ser o veículo mais utilizado para a aquisição dos conhecimentos exigidos do mundo moderno, é também o meio pelo qual as diferenças são minimizadas, diminuindo os preconceitos sociais e ajudando na geração do que todo mundo conhece como “globalização”.

No entanto, há de se notar que as deficiências que começamos a mencionar ainda bloqueiam o total sucesso dos nossos alunos em todos os níveis de ensino fundamental, e que se a língua é mesmo um dos instrumentos mais poderosos no domínio de conteúdos úteis à vida, os problemas no ensino dela impedirão que esses conteúdos sejam adquiridos com propriedade. Assim, por exemplo, verifica-se que há um maior ou menor grau de precariedade no modelo de ensino de vocabulário adotado pela maioria das escolas, tanto públicas quanto privadas, e isto é notado não só pela produção oral e escrita dos alunos através dos testes de redação, mas também pelos resultados de exames de ingresso em nível superior em que os maiores índices de reprovação são devidos à Língua Portuguesa e, mais especificamente, à redação.

Mesmo com todo o avanço tecnológico, houve relativamente pouco avanço no sistema educacional no Brasil, porque essa precariedade do

modelo de ensino, se em parte é devida à falta de verbas para a escolas públicas e ao pouco investimento em educação em geral, em boa parte também é devida a outros fatores, como inadequação dos materiais ou despreparo de pessoal, para assim justificar as falhas da rede privada de ensino. A inadequação dos materiais e métodos aplicados ao ensino é um caso sério de cunho didático, uma vez que, em se tratando de aulas de linguagem, o livro didático adotado pela escola é, na maioria das vezes, o único recurso utilizado para a ilustração das aulas e é em função dele que são feitos os planejamentos de curso, de conteúdo e de aula, e quando o livro falha toda a aula falha.

Tal fato acontece porque a metodologia empregada nas aulas ainda é muito pobre e carece de aperfeiçoamento. As técnicas utilizadas na apresentação dos conteúdos escolares seguem o modelo que vem sendo praticado há vários anos, qual seja, aulas expositivas em linguagem técnica, sem muita participação dos alunos ou questionamentos por parte do professor, com pouca ilustração do cotidiano dos alunos, o que torna a aprendizagem difícil, maçante e nada atraente. Na maioria dos casos esta dificuldade é devida à incapacidade ou despreparo do professor por ser produto do mesmo sistema que comete tais falhas. Assim, o docente geralmente não recebe treinamento adequado, nem em sua formação para o magistério, nem em cursos de reciclagem e crescimento profissional.

Em se tratando de aulas de língua portuguesa, estes problemas são bastante freqüentes e, em virtude deles, ocorre no processo escolar uma dificuldade de aprendizagem que se reflete na cultura brasileira: a pouca intimidade com a leitura e, por conseqüência, a pouca assimilação de informações veiculadas através das palavras. É necessário, portanto, que haja um aprimoramento no enfoque dado ao ensino de vocabulário, para que a partir de meios mais eficazes os alunos sejam levados a aumentar o seu potencial lexical e melhorar o seu desempenho tanto em sala de aula como também fora dela.

Sabendo-se que todo processo escolar se sustenta na leitura, a dificuldade de aproximação do aluno à leitura, seja por conta do pouco vocabulário que utiliza ou pela falta de familiaridade com formas de contexto, pode ser encarada como um dos responsáveis pelo insucesso na aprendizagem, não somente dos conteúdos escolares, mas também da aquisição de conhecimentos úteis para a vida.

Nas crianças a leitura atua como um coadjuvante na aquisição dessa cognição, pois o desenvolvimento dos primeiros significados é inter-relacionado ao desenvolvimento das habilidades de compreensão da linguagem e habilidades cognitivas, sendo a escolarização e o letramento fundamentais no processo de aquisição de conceitos<sup>1</sup>. Para Luria (apud Kleiman, 1989:192), a escolarização produz muitas mudanças na atividade cognitiva da criança, pois permite acesso a outras experiências diferentes daquelas meramente pessoais. A palavra não é apenas portadora de significados, mas também de “unidades de consciência básica que refletem um mundo” (op.cit. p.192). É através da palavra que analisamos e sintetizamos a informação externa que chega aos nossos sentidos; que ordenamos o mundo, do ponto de vista perceptual e que codificamos nossas impressões em sistemas. Daí a aquisição do léxico ser fundamental ao desenvolvimento cognitivo.

“Ao apossar-se de formas de discurso desenvolvido, a criança adquire a capacidade de formar conceitos, mas também de deduzir conclusões de uns supostos [*sic*]: assimila relações lógicas, conhece leis que estão muito mais para além dos limites da experiência pessoal direta: em conclusão, assimila a ciência e adquire a capacidade de prever e prever fenômenos, coisa que não poderia fazer se se limitasse a ser uma simples testemunha”.<sup>2</sup> Já para Vigotsky (apud Kleiman, 1989:192) a criança possui um nível de desenvolvimento real, que é demonstrado pela sua capacidade de resolver problemas por si só, e um nível de desenvolvimento potencial, demonstrado pela sua capacidade de resolver problemas orientada por um adulto. A distância entre estes dois níveis é chamada zona de desenvolvimento proximal, que deve ser o nível de interesse real do ensino, pois é nele que o professor intervém pela criação de experiências de aprendizagem válidas que antecipem estágios de desenvolvimento prospectivos. É neste nível que o professor deve criar as condições de desenvolvimento pleno para os seus alunos, levando em consideração suas potencialidades. Em se tratando de ensino de vocabulário, deve-se levar em conta que o aluno, ao ingressar na vida escolar, já possui seu próprio inventário lexical que o permite entender o que é ensinado e até arriscar suas próprias opiniões a respeito do

---

<sup>1</sup> KLEIMAN, Ângela. O Ensino do Léxico através da Leitura. In: *Leitura, Ensino e Pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989, p.191.

<sup>2</sup> Id., *Ibid.*, p.192

contexto no qual está inserido, portanto, o professor não deve ignorar esse potencial, mas utilizá-lo em benefício do aluno, fazendo-o participante ativo do processo de ensino, e também das aulas, gerando técnicas e métodos que sejam atraentes para todos. As condições em torno do aluno e os fatores determinantes de aprendizagem em sala de aula serão também cruciais para o sucesso na leitura, e por conseguinte, na ampliação do potencial lexical do aluno.

Em virtude de a realidade brasileira apontar o livro didático como praticamente o único recurso utilizado em sala de aula, um dos problemas a ser enfrentado para o bom ensino do léxico através da leitura é o combate à atomização do texto nos livros didáticos. Esse procedimento, que divide textos em pequenos átomos para uma análise considerada superficial, é usual na maioria dos livros-texto utilizados nas escolas brasileiras que trazem exercícios inadequados de vocabulário, como substituição de termos por sinônimos equivalentes ou por seus antônimos, sem dar enfoque textual à compreensão ou à função coesiva do léxico, que não é percebida espontaneamente pelo aluno devido a sua pouca familiaridade com estratégias de compreensão mais independentes das unidades imediatas.

Na maioria das vezes, o ensino do léxico pelo professor apresenta a mesma proposta do livros didáticos. Naturalmente ele é o responsável pelo aprendizado de seus alunos, mas não se verifica muita descontinuidade entre o tipo de ensino apresentado pelo livro e aquele adotado pelo professor. As razões desse problema já foram mencionadas superficialmente, mas talvez seja assim pela má qualidade do ensino, a inadequação dos materiais e métodos aplicados em sala, a falha nas técnicas e metodologia usadas pelo professor em virtude da sua incapacidade e despreparo. As deficiências do professor são devidas, na maioria das vezes, à precariedade do treinamento oferecido aos docentes pelos órgãos de ensino. Normalmente, os mestres assumem uma postura arbitrária em relação ao reconhecimento da competência lexical de seus alunos e assim, não melhoram seu enfoque de ensino de vocabulário, e também se entregam à autoridade que o livro didático exerce por ser o único recurso didático utilizado.

Em termos gerais, o professor freqüentemente assume a mesma postura arbitrária dos livros. Tanto nos textos quanto no enfoque do professor, a opinião e o conhecimento prévio do aluno não são levados

em conta. Em exercícios que envolvem compreensão do vocabulário dos textos, as respostas dos alunos baseadas em sua própria experiência geralmente não são consideradas válidas a não ser que se adequem às expectativas do professor. Além disso, a manipulação de respostas ou de termos algumas vezes não compreendidos leva o professor a só explicar o que quer ou o que sabe, sem atender às necessidades reais de seus alunos.

Estes aspectos negativos acima citados somados ao não aproveitamento das oportunidades válidas para o ensino de sistematizações e classificações de vocabulário oriundas das experiências pessoais dos alunos em situações potencialmente ricas dão origem a outro problema, o reducionismo das tarefas de aula que desencadeiam em uma metodologia pobre, sem interação professor-aluno, em que o sucesso do aprendizado é pouco provável. De um lado, o atomismo arbitrariamente isola o conhecimento, dividindo os textos em palavras soltas que são analisadas sem nenhuma perspectiva de uso real, muito menos de fazer parte do inventário lexical dos alunos. De outro, o reducionismo priva os alunos de discussões abstratas úteis à cognição e eficazes na ampliação do potencial lexical.

“Tanto as práticas propostas pelo livro didático, como as adotadas pelo professor têm deficiências sérias enquanto práticas que levariam ao enriquecimento do vocabulário. Uma vez que o conhecimento do léxico, assim como a capacidade para inferir significados são fatores fundamentais para a proficiência na leitura, essas práticas podem provocar distorções na compreensão de leitura da criança, assim comprometendo o sucesso de todo o processo escolar”.<sup>3</sup> Esse insucesso no aprendizado dos conteúdos escolares oriundos de todas as deficiências acima mencionadas tem resultados que se refletem na criança e a acompanham até a vida adulta, quais sejam: a limitação de suas habilidades no que se refere à utilização e compreensão de itens lexicais diversos, que é consequência de um vocabulário limitado; o mal desempenho escolar em seus vários níveis, desde o momento de seu ingresso na vida acadêmica até sua saída dela, sendo bem sucedido ou não; a reprovação escolar, que em nossa sociedade tem conotação de fracasso e deficiência de aprendizagem; em virtude das reprovações consecutivas e fatores de ordem econômico-social segue-se o abandono ou evasão escolar, em

---

<sup>3</sup> Id., *Ibid.*, p.201.

números alarmantes se levamos em consideração as estatísticas; e, para fechar o ciclo, como resultado da evasão tem-se a marginalização social, ou seja, as opções de emprego e ascensão profissional para os “excluídos” do sistema educacional são escassas e refletem o preconceito quanto ao nível de escolaridade. Os portadores de títulos são mais bem pagos e ocupam melhores cargos e os ‘não’ ou ‘pouco’ escolarizados são submetidos às explorações e baixos salários, com pouca perspectiva de melhora.

Para que o ensino do léxico possa ser de alguma utilidade na mudança deste quadro que apresentamos, consideramos de extrema importância que a pesquisa científica que ora empreendemos promova um aprimoramento no modelo de ensino/aprendizagem de vocabulário conforme os alvos estabelecidos nos *Objetivos* deste trabalho, mencionados mais adiante, levando-se em consideração as teorias sócio-lingüísticas relevantes ao Ensino do Léxico e sua aplicação na reestruturação do modelo supra citado.

Já mencionamos anteriormente que o modelo de ensino praticado atualmente pelas escolas geralmente não leva em consideração o que Vigotsky chama de “Zona de Desenvolvimento Proximal” (apud Kleiman, 1989:192), ou seja, o nível que separa o potencial da criança em resolver problemas sozinha e orientada por um adulto. Ao reconhecer este nível de desenvolvimento o professor torna a aprendizagem um pouco mais próxima do aluno, pois considera o potencial deste e o torna parte ativa do processo de ensino/aprendizagem. Em se tratando do potencial de linguagem, temos o conceito de competência comunicativa (Dell Hymes, 1961) que se refere à habilidade do falante em criar atos de comunicação apropriados ao contexto social a que pertence e compreender frases ditas em situações sociais distintas; e o conceito de competência lexical que, segundo Basílio, é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação.”<sup>4</sup> A existência destas *competências* dão ao aluno o *status* de possuidor de conhecimentos suficientes para o aprendizado, os quais só precisam ser moldados ou aprimorados de modo a levá-lo a adquirir novos itens para o seu repertório lexical.

Sendo assim, o professor não pode, nem deve, assumir toda a responsabilidade pelo aprendizado, nem tampouco considerar-se o

---

<sup>4</sup>BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1989, p.90.

detentor de todo o conhecimento de que os alunos precisam para ser bem sucedidos no contexto escolar. Ele deve, no entanto, criar meios para que os alunos sejam também responsáveis pelo seu sucesso através do compartilhamento de tarefas e a utilização de seu potencial nas experiências de aquisição de novos conhecimentos lexicais. Isto é o que Cazden<sup>5</sup> chama de criar andaimes ou scaffolding (Bruner apud Cazden, op.cit. p. 114) que é um recurso que permite ao professor auxiliar o aluno de forma consistente e responsável a assumir seu papel na própria aprendizagem, em nosso caso, de novos itens lexicais, através do monitoramento de tarefas. Os andaimes sugerem que a proporção de responsabilidades na compleição de uma tarefa escolar é inicialmente toda do professor, ao fazer uma demonstração da tarefa como modelo de instrução, mas vai gradativamente sendo transferida para o aluno através da prática dirigida (monitorada pelo professor), até se tornar de inteira responsabilidade do aluno por ocasião da aplicação prática.

A utilização dos “andaimes” é uma importante ferramenta na criação de um ambiente de ensino do tipo interacional: a relação professor-aluno não deve ser direcionada do maior para o menor, no sentido arbitrário e coercitivo que é empregado pela maioria das escolas atualmente, mas deve ser uma relação de troca de experiências de aprendizagem e conhecimentos, em que as partes envolvidas neste processo compartilham tarefas e dividem a responsabilidade pelo sucesso do aprendizado.

Por isso, consideramos relevante a aplicação de um modelo interacional à estrutura de ensino do léxico em escolas primárias. Esse modelo, que deve ser de base lingüística, pode ajudar-nos a estabelecer regras de cooperação entre professor e aluno, bem como acrescentar uma nova metodologia, técnicas e recursos ao ensino de vocabulário não só em aulas de língua portuguesa, mas de outras disciplinas que fazem parte do currículo dos alunos de 4ª série. Assim, recorremos à Sociolingüística Interacional com a finalidade de analisar o que tem sido feito nas escolas em termos de ensino de léxico, e o que pode ser feito com vistas ao aprimoramento desse ensino.

A Sociolingüística Interacional não é advinda de um único paradigma científico, pois pode ser considerada como um desenvolvimento contemporâneo da Sociologia da Linguagem, da Etnografia da

---

<sup>5</sup> CAZDEN, Courtney B. Discurso En Clase y Aprendizaje del Alumno. In: *El Discurso en el Aula*. Barcelona: Ediciones Paidós. Ministerio de Educación y Ciencia, 1991, p.116-117.

Comunicação e da própria Sociolinguística laboviana. Sociologistas como Goffman e Garfinkel contribuíram para alguns dos fundamentos da Sociolinguística Interacional, especialmente no que diz respeito à análise da conversação. Assim o fizeram filósofos da linguagem como Strawson, Austin e Grice. As noções de competência comunicativa desenvolvidas por Hymes para a Etnografia da Comunicação deram subsídios para a análise interacionista proposta pela SI, mas foi John Gumperz quem desenvolveu e definiu o tipo particular de sociolinguística que é reconhecido atualmente como um paradigma distinto.

A Sociolinguística Interacional de Gumperz se diferencia das teorias que a precederam por tratar do comportamento do indivíduo numa situação de comunicação face a face. Noção que até então não havia sido levada em conta por Labov e outros nomes da sociolinguística.

Os pontos que separam Gumperz de Labov e tornam a SI uma teoria distinta dos modelos anteriores são, em primeiro lugar, a escolha deste tipo de comunicação face a face, ou seja, um tipo que privilegia o indivíduo para ser o nível de interesse da análise linguística. Esta escolha exclui a análise da comunicação baseada numa comunidade de falantes, o que na maioria das vezes, produz apenas generalizações estatísticas. Segundo, o interesse de Gumperz se concentra no conhecimento individual e suas problemáticas: como esse conhecimento é partilhado, distribuído e até que ponto ele é significativo e generalizável; e não no nível do discurso comunitário. O terceiro ponto consiste em fazer da interação uma constituinte da realidade social.

Assim, a teoria de Gumperz se dá no terreno das interações humanas onde os significados, ordens e estruturas não são predeterminados, mas se desenvolvem na interação e se baseiam num conjunto complexo de fatores materiais, experienciais e psicológicos. (Figuroa, 1994). Gumperz rejeita a separação de língua do seu contexto social e se interessa pelo conhecimento de como o comportamento linguístico cria interpretações, de como as intenções individuais levam ao comportamento linguístico, e de como o sucesso da comunicação está relacionado ao conhecimento sociolinguístico.

No conjunto da teoria da Sociolinguística Interacional encontramos os conceitos pragmáticos, perfeitamente aplicáveis ao ambiente de ensino de léxico, propostos pelo filósofo americano H. Paul Grice (1975), dentre os quais destacam-se o Princípio de Cooperação e as máximas

conversacionais. O primeiro explica a cooperação entre os falantes numa situação de comunicação e permite, segundos as necessidades individuais, a compreensão das intenções do interlocutor. As máximas garantem essa compreensão mútua dos falantes a partir de um enunciado literal, por referirem-se à quantidade e qualidade de informação veiculada no processo comunicativo, entre outras destacam-se: a máxima de relevância, qualidade, quantidade e modo. A quebra do princípio de cooperação e a violação dessas máximas geram a Implicatura Conversacional, que prejudicam todo o processo de comunicação. Em sala de aula, a utilização de uma pragmática deste tipo associada ao modelo interacional pode auxiliar o professor na elaboração de um discurso que privilegie o conhecimento e participação dos alunos no aprendizado, fazendo das aulas sessões mais atrativas, além de melhorar as relações sociais entre iguais e minimizar as relações de poder exercidas pelo professor. As implicaturas, por sua vez, podem fazer fracassar todas as tentativas de aproximação do aluno com a aquisição de novos conteúdos escolares, por conta do fracasso do processo comunicativo.

Uma outra questão que pretendemos levantar por ocasião desta pesquisa é sobre a adequação dos materiais didáticos e planos de aula às exigências de um modelo de ensino mais criativo, mais condizente com o tempo atual. Reconhecemos que a melhor forma de ampliar o vocabulário de alunos de 4ª série é através da leitura, mas como também já vimos, a maneira como os livros didáticos e até mesmo os professores lidam com a leitura não são, em muitos casos, eficazes na aquisição de vocabulário por conta do tipo de abordagem que empregam. Resta-nos saber como os alunos vêem a leitura, e o que consideram relevante nos textos dados em sala de aula. Compreender suas expectativas e ouvir suas queixas pode ser de alguma utilidade na difícil tarefa de melhorar esse enfoque de ensino de léxico. É necessário pesquisar que tipos de atividades são mais atraentes para os alunos e tornam, por conseguinte, a leitura um modo mais efetivo na ampliação do léxico.

Se considerarmos que pode haver dois níveis no aprendizado do léxico, um que pode ser chamado de 'entrada' e lida com toda a informação recebida através dos textos e o processamento dessa informação no repertório lexical do aluno, e um outro, possivelmente denominado 'saída' e que tem a ver com a utilização do vocabulário apreendido através dos exercícios de produção escrita e oral, poderíamos

nos questionar de que forma essa 'entrada' é efetuada: em geral, existem exercícios que antecipem o entendimento dos alunos sobre o que vai ser lido, ou seja, exercícios de pré-leitura? Que tipo de exercícios são feitos durante a leitura? e após ela? Ao apresentar-se um texto é levado em consideração o contexto sócio-cultural do aluno, bem como seu conhecimento sobre o assunto discutido? Que recursos audio-visuais-cinestéticos são utilizados em cada um dos vários estágios de execução das atividades de leitura? Como são apresentadas as palavras novas? Que inferências são usadas para descobrir o significado de novos termos?

Ao conhecermos as respostas para estas questões poderemos repensar o tipo de ensino praticado atualmente e assim, apresentar propostas para melhora dele. Não deve ser uma tarefa fácil e nem tampouco de execução rápida, mas a pesquisa deste assunto pode levar a novos trabalhos na área e ajudar a recuperar gradativamente o gosto dos alunos pela leitura e aprendizado de vocabulário que está em relativa decadência nos dias atuais.

Assim, a pesquisa proposta neste trabalho conta, como fontes de material, com os textos que tratam sobre o assunto do Ensino do Léxico e da Sociolinguística Interacional que constam da bibliografia geral, os quais serão estudados ao longo do período previsto para conclusão do trabalho, bem como servirão de referência para a elaboração do resultado final do projeto. Levando-se em consideração a escassa bibliografia sobre o assunto do ensino lexical, principalmente obras em língua portuguesa, este projeto ainda terá como um dos alvos o levantamento de bibliografia necessária para o aprofundamento do assunto durante o período destinado a sua execução.